

22/XII/1946

Assistência oficial?

J.N.

A tese de que a Assistência deve ser entregue inteiramente ao Estado por não ser já oportuno o conceito da caridade, não parece ter ponta por onde se lhe pegue.

Em primeiro lugar, esse revoltante e miserável espectáculo de valdades e hipocrisias, com que muitas vezes se juntam umas sobras para obras de beneficência, não é Caridade. Em segundo lugar, estaremos nós seguros de que o Estado é precisamente a entidade mais indicada para fazer uma boa assistência?

Fomos encontrar, na Bélgica, a tese contrária: uma floração admirável de obras de assistência particular fortemente auxiliadas pelo Estado, a par de uma impressionante organização de obras sociais, igualmente de carácter particular, cujas fontes de receita são cobradas pelo Estado. Assim, por exemplo, as mutualidades, o salário familiar, o seguro contra o desemprego. O Estado não faz mais do que fixar os respectivos impostos, cobrá-los e reparti-los pelas diferentes organizações particulares que aplicam as leis sociais ou que se consagram à assistência. E os belgas não se dão mal com o sistema nem pensam modificá-lo.

Na França, ao contrário, verificamos uma corrente muito forte que defende a tese da supressão da Assistência particular, precisamente naqueles departamentos que têm sido dirigidos por Ministros comunistas. Mas a corrente não é tão forte, que tenha vencido a opinião e as realizações contrárias, nem é tão acertada que tenha conseguido convencer ninguém. O que vimos, em França, de Assistência oficial é alguma coisa de desanimador.

E entre nós? E' bem conhecida a pressa com que a tese da Assistência oficial foi executada entre nós a partir de 1910. Desde a substituição de religiosas nos hospitais — que nem sempre foram ou são as enfermeiras mais indicadas — até á laicização das Misericórdias e organização da Assistência oficial, pouco foi deixado por fazer. Lucraram com isso os pobres? Deixou de aumentar a miséria?

O que a gente viu e tem visto de ordinário foi um aumento enorme de despesas com uma desmedida burocracia, uma tendência doentia de fazer propaganda política com a miséria dos cidadãos — bem contrária ao preceito cristão de não saber a mão esquerda o que dá a mão direita — uma tentação irresistível de fazer assistência a correligionários políticos com o ar de quem emprega as suas aptidões burocráticas ao serviço de uma grande causa e uma maquinaria assistencial que, por isso mesmo que é máquina, degrada e humilha, mesmo sem querer, os necessitados. E' preciso tê-los ouvido, é preciso ter recolhido o seu desabafo, é preciso ter enxugado as suas lágrimas para compreender quanto é necessário ter perdido a honra e a dignidade para ser capaz de fazer bicha às portas das instituições de assistência pública.

E como a máquina burocrática tem horários de trabalho meticulosamente cumpridos, tem regras disciplinares escrupulosamente seguidas, tem uma centralização legal de cada vez mais apertada, não pode funcionar no momento oportuno nem com a urgência necessária. A assistência pública chega sempre tarde, embora muitas vezes chegasse para evitar uma desgracia, se tivesse vin-

E depois é muito cara. A verba despendida em papéis, gabinetes máquinas de escrever, funcionários, dava para tanta coisa mais se poder fazer, se se adoptasse o caminho da Bélgica!

Não nos parece acertada a opção de oficializar toda a assistência. O Estado deveria ocupar o seu tempo não em fazer assistência, mas em discipliná-la, coordená-la, estimulá-la, fiscalizá-la, auxiliá-la.

Não seria tentado assim a criar máquinas de cada vez maiores para a tornar mais efficientes, mas sobrar-lhe-iam energias e tempo para cuidar de preferência daquelas coisas que

preparam os caminhos dum levantamento económico da Nação, duma repartição mais equitativa das riquezas produzidas e duma garantia maior para os que no trabalho criador consomem a saúde e a vida.

Não subscrevemos portanto a tese de uma assistência oficializada, mas duma muito mais eficaz assistência particular coordenada, fiscalizada, financiada pelo Estado, com a proibição absoluta de nenhuma delas poder fazer estendal para quaisquer fins políticos ou religiosos, com a miséria.

Não nos parece tão pouco poder repugnar a qualquer inteligência limpa ou qualquer coração recto o princípio da colaboração dos particulares, não só com donativos mas também com trabalho, numa organização de assistência como aquela que defendemos.

Tudo deve servir para nos educar. Ora é bom não esquecer a palavra evangélica de que *«é muito melhor dar do que receber»*.

Por se julgar o contrário, é que nasceu no mundo o egoísmo e a soberba, causas fundamentais de todas as misérias humanas, em todos os tempos.

ABEL VARZIM.

C
u
a
d
c
t
t
de